

## Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são?

Condom use in last sexual intercourse among undergraduate students: how many are using them and who are they?

Laísa Rodrigues Moreira <sup>1</sup>  
Samuel Carvalho Dumith <sup>1</sup>  
Simone dos Santos Paludo <sup>1</sup>

**Abstract** *A cross-sectional study was conducted to measure the prevalence of condom use in the last sexual intercourse and associated factors among university students. Undergraduate students from a public university aged 18 and over of the Rio Grande (RS) campuses were eligible. A systematic single-stage sampling was used, based on class lists and self-administered questionnaire. Descriptive, bivariate and multivariable analyses were employed, with Poisson regression for the latter two. Most of the 1,215 university students included in the analysis were aged 20 to 29 (65.6%) and 69.3% began their sexual life before the age of 18. The prevalence of condom use in the last intercourse was 41.5% (95%CI: 38.7-44.3). Male gender, lower age group, condom use at first sexual intercourse, older age of onset of sexual activity, not having a partner and casual partner in the last sexual intercourse increased the likelihood of condom use.*

**Key words** *Condoms, Universities, Sexual health, Adult*

**Resumo** *Foi conduzida pesquisa transversal para medir a prevalência do uso de preservativo na última relação sexual entre universitários e os fatores associados. Foram elegíveis estudantes de graduação de uma universidade pública federal, com idade igual ou superior a 18 anos, dos campi de Rio Grande/RS. Foi utilizada amostragem sistemática, em um único estágio, com base na listagem de turmas e questionário autoaplicável como instrumento. Foram empregadas análises descritiva, bivariada e multivariável, com regressão de Poisson para as duas últimas. Dos 1215 universitários incluídos na análise, a maioria tinha entre 20 e 29 anos de idade (65,6%) e 69,3% iniciaram a vida sexual antes dos 18 anos de idade. A prevalência do uso de preservativos na última relação foi de 41,5% (IC95%:38,7-44,3). Sexo masculino, menor faixa etária, uso de preservativo na primeira relação sexual, maior idade de início da vida sexual, não ter companheiro e parceiro casual na última relação aumentaram a probabilidade de uso de preservativos.*

**Palavras-chave** *Preservativos, Universidades, Saúde sexual, Adulto*

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande. R. General Osório s/nº, Centro. 96203-900 Rio Grande RS Brasil. laisa.moreira.psi@gmail.com

## Introdução

Questões como transmissão e infecção por doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) são preocupantes quando se trata de saúde sexual e reprodutiva das populações. A Organização Mundial da Saúde<sup>1</sup> estima que a cada ano haja 500 milhões de novos casos de DST's curáveis. Em 2013 o número de novas infecções pelo HIV em âmbito mundial contabilizou em cerca de 2,1 milhões<sup>2</sup>. Dados globais apontam que em torno de um terço da carga global de doenças em mulheres em idade reprodutiva seja atribuído à complicações relacionadas à saúde sexual e reprodutiva<sup>3</sup>.

No Brasil, a principal estratégia preventiva da Política Nacional de Enfrentamento da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é o uso de preservativos, porém, tem-se observado uma tendência de declínio no uso de preservativos, em especial entre os jovens, apesar de representarem o segmento populacional com maior proporção de uso<sup>4</sup>. A população de universitários é constituída em sua maior parte por jovens com vida sexual ativa os quais constituem um dos grupos vulneráveis a desfechos negativos para a saúde sexual e reprodutiva<sup>5</sup>.

A entrada para a universidade possibilita a muitos adolescentes, jovens e adultos, a formação profissional ao mesmo tempo em que permite a transição para um mundo ainda desconhecido e repleto de novas experiências, inclusive experiências sexuais. Há universitários que migram de outros municípios, vindo a morar sozinhos e a adotar novos comportamentos. Embora universitários tenham alto grau de escolaridade, por vezes, o conhecimento sobre DST's/Aids e questões relacionadas à saúde reprodutiva é ainda incipiente<sup>6</sup>. Somado a isso, há universitários que desconhecem seu *status* sorológico<sup>7</sup>. É possível que universitários que não percebem os riscos a que estão expostos possam negligenciar a importância de comportamentos protetivos como o uso de preservativos<sup>8</sup>. Isso faz com que estejam vulneráveis ao HIV/Aids e outras DST's, além da ocorrência de gravidez indesejada e aborto, como demonstrado em estudos com essa população<sup>9-11</sup>.

O Rio Grande do Sul aparece no topo do ranking que considera a primeira contagem de CD4, a taxa de detecção de casos de Aids e a taxa de mortalidade por Aids, sendo um dos estados prioritários para ações relacionadas ao HIV/Aids<sup>12</sup>. O Município do Rio Grande, localizado no extremo sul do Brasil, está entre as quatro primeiras posições do ranking elaborado para as

idades, conforme índice composto. Entre pessoas de 15 a 49 anos de idade, foi encontrada uma prevalência de HIV/Aids de 0,6%, maior do que na população geral cuja prevalência é de 0,4%. Considerando a realidade local e as peculiaridades da população de universitários, é possível que parte dos universitários acabe tendo relações sexuais sem o uso de preservativo, o que os deixa vulneráveis a determinados desfechos.

Por outro lado, maior proporção de uso de preservativos tem sido identificada em pessoas do sexo masculino<sup>13,14</sup>, solteiras<sup>15,16</sup>, mais jovens<sup>17</sup>, com parceria casual<sup>18</sup>, que iniciaram a vida sexual mais tarde<sup>9,19</sup> tendo usado preservativo na primeira relação<sup>20,21</sup>, entre outros fatores. Somado a isso, a adoção do uso de preservativos entre adolescentes e jovens pode sofrer influência de variáveis comportamentais e psicossociais<sup>22,23</sup>. A disponibilidade do preservativo também tem sido apontada como importante para que ocorra o uso<sup>24</sup>.

O preservativo feminino, embora menos utilizado entre os universitários em comparação ao masculino<sup>25,26</sup>, aparece como uma opção importante no contexto da prevenção do HIV e outras DST's<sup>27</sup>. No Brasil, preservativos masculinos e femininos são distribuídos de forma gratuita. No entanto, torna-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que monitorem o uso de preservativos entre os diferentes segmentos populacionais e os fatores que contribuem para a adoção desse comportamento protetivo, em especial nos municípios de maior risco.

Estudos com universitários, em especial os relacionados à saúde sexual e reprodutiva, com frequência se voltam para jovens adultos. Contudo, esforços têm ocorrido para democratizar o acesso ao ensino superior, o que pode repercutir em uma mudança na configuração desse segmento populacional, inclusive no que tange à faixa etária<sup>28</sup>. Poucas informações recentes no Brasil, em particular dos últimos quatro anos, sobre o uso de preservativos na população geral<sup>29</sup> e, em especial, representativas da população de universitários de instituições de ensino públicas têm sido identificadas. Conforme apresentado, uma série de variáveis têm sido identificadas na literatura como associadas ao uso de preservativos. Esta pesquisa é guiada por um modelo hierárquico construído a fim de testar se na população de universitários a associação entre uso de preservativos e determinadas variáveis selecionadas se mantém após o controle para possíveis confundidores, considerando o contexto universitário de forma ampla. Neste sentido, o objetivo

desta pesquisa é medir a prevalência do uso de preservativo na última relação sexual e os fatores associados em estudantes de uma universidade pública do Município do Rio Grande, localizado no extremo sul do Brasil.

## Métodos

Este estudo é parte de um consórcio de pesquisa, o qual teve por objetivo avaliar a saúde dos estudantes de cursos de graduação de uma universidade pública federal do extremo sul do Brasil. No ano de 2014, havia cerca de 8.000 estudantes de graduação, distribuídos em torno de 66 cursos. A população elegível incluiu universitários com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos, regularmente matriculados em cursos de graduação da universidade, no primeiro semestre do ano de 2015 e que estudavam nos dois campi situados no Município do Rio Grande/RS (Carreiros e Saúde). Rio Grande conta com aproximadamente 197 mil habitantes<sup>30</sup>.

Foi empregado delineamento transversal, com amostragem sistemática das turmas, realizada em um único estágio, a partir da listagem de todas as disciplinas oferecidas por cada curso de graduação. O sistema eletrônico da universidade (<http://www.furg.br/>) foi consultado a fim de obter a relação de todas as turmas. Nesta lista, constavam 2107 disciplinas ofertadas, o que correspondia ao número total de turmas. O tamanho amostral estimado para o estudo maior, a fim de contemplar as análises independentes, foi de 1.811 indivíduos. A amostra final contou com 93 turmas. Todos os alunos de cada turma sorteada foram convidados a participar da pesquisa.

Universitários com idade inferior a 18 anos e os alunos que haviam trancado a matrícula ou desistido de cursar foram retirados da contabilização geral. Os estudantes matriculados em mais de uma disciplina foram contabilizados apenas uma vez. Sendo assim, o número de universitários elegíveis foi de 1736. A pesquisa contou com um número de não respondentes de 313 alunos (18,1%), sendo 43 recusas (2,5%) e 270 perdas (15,6%). Para as análises deste artigo houve exclusão de universitários que nunca tiveram relações sexuais e dos que não tiveram relações sexuais nos 12 meses anteriores à coleta de dados.

No cálculo de tamanho amostral para prevalência foi empregada uma estimativa de prevalência de 50%, nível de confiança de 95% e margem de erro de 4 pontos percentuais. No cálculo para fatores associados, o nível de confiança foi

de 95%, poder de 80%, razão de prevalências de 1,5 e proporção mínima de 15% para os grupos expostos. Em ambas as estimativas foi acrescentado 10% para perdas e recusas e 20% em função de excluir da análise as pessoas que não tiveram relações sexuais. No cálculo para fatores associados também foi acrescentado 15% para controle de confundimento. As estimativas resultantes foram multiplicadas pelo efeito de delineamento de 1,5, o qual considera o tamanho do conglomerado ( $n^\circ$  médio de alunos em cada turma, estipulado em 20) e o coeficiente de correlação intraclasse (assumido como 0,02)<sup>31</sup>. O tamanho amostral calculado inicialmente para esta pesquisa foi de 1089 universitários.

A variável desfecho deste artigo foi operacionalizada da seguinte forma: “Você ou seu (sua) parceiro(a) utilizaram preservativo (camisinha) na sua última relação sexual (vaginal, oral ou anal)?”, com opções de resposta do tipo “(0) Não/ (1) Sim”. Há indícios de que a medida do uso de preservativo na última relação sexual possa ser utilizada como proxy para outras formas de mensurar o uso de preservativos, levando em conta o período de recordatório correspondente<sup>32</sup>. Para as análises deste estudo não houve distinção entre o tipo de preservativo utilizado na última relação sexual, podendo abranger preservativos masculinos e femininos. Ambos se mostram relevantes para a prevenção do HIV/Aids e outras DSTs<sup>33</sup>. É possível que a disponibilidade do preservativo feminino juntamente com o masculino contribua mais para a diminuição do número de relações sexuais sem proteção do que quando o preservativo masculino é disponibilizado de forma isolada<sup>34</sup>.

As variáveis independentes foram: sexo (feminino/masculino); idade em anos completos, calculada através da data de nascimento e categorizada a *posteriori* (18-19, 20-24, 25-29,  $\geq 30$ ); renda familiar no mês anterior coletada em reais, a qual inclui a renda do indivíduo (categorizada em quartis); situação de relacionamento atual nas seguintes categorias: sem companheiro (solteiro, separado ou viúvo), namorando, e casado ou tem companheiro/ “vive junto”; a variável “com quem mora”, cujas categorias foram: morar sozinho, morar com a família (pais, padrasto/madrasta, parentes, filhos, cônjuge, companheiro/namorado), e morar com amigos, em pensionato ou casa do estudante; idade da primeira relação sexual, coletada em anos (categorizada como:  $\leq 14$ , 15 a 17,  $\geq 18$ ); uso de preservativo na primeira relação sexual (não/sim),  $n^\circ$  de parceiros sexuais no último mês, coletado como numérico discreto

(categorizado como nenhum, um, dois ou mais); e tipo de parceiro sexual na última relação (parceiro fixo/ parceiro casual).

Como instrumento, utilizou-se questionário autoaplicável e confidencial, composto por blocos de perguntas gerais (variáveis socioeconômicas, demográficas e sobre a vida acadêmica) e blocos de questões específicas. Ao todo foram formuladas 158 questões. As questões pertencentes ao bloco sobre práticas sexuais e uso de preservativos foram construídas com base em dois instrumentos utilizados em pesquisas com amostra de adolescentes e jovens<sup>35,36</sup> e na literatura revisada, sendo organizadas no questionário de acordo com o período de recordatório correspondente. O instrumento foi pré-testado em estudo piloto conduzido entre estudantes de graduação da Universidade Federal de Pelotas (cidade vizinha).

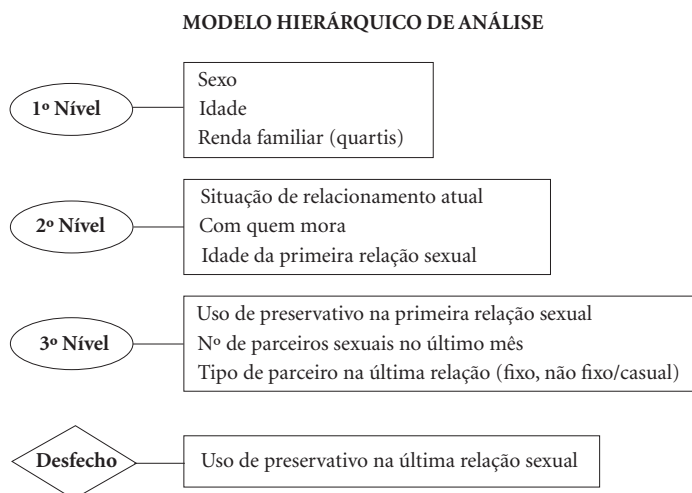
A pesquisa contou com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação da universidade. Somado a isso, ocorreu contato prévio (via e-mail, telefone ou presencial) com os professores regentes das disciplinas selecionadas para o agendamento das visitas e revisitas. A aplicação do instrumento foi padronizada e, após o preenchimento, os universitários depositavam o questionário em urna devidamente lacrada. A coleta de dados ocorreu de abril a junho de 2015. Todos os questionários foram codificados e, em seguida, tabulados no software livre EPIDATA 3.1, com dupla entrada, checagem automática de amplitude e consistência.

Foram realizadas análises estatísticas descritivas, bivariadas e multivariáveis utilizando o pacote estatístico STATA 13.1<sup>37</sup>. Em um primeiro momento foi realizada análise descritiva, com descrição de frequências absolutas e relativas. Regressão de Poisson, com variância robusta, foi empregada na análise bivariada e na multivariável, gerando a razão de prevalências (RP), intervalo de confiança (IC) de 95% e valor p, obtido pelo teste de Wald. Na análise ajustada, seguimos o modelo hierárquico de análise que está exposto na Figura 1. O método de seleção de variáveis foi do tipo “backward”, no qual as variáveis de cada nível foram introduzidas em bloco, sendo mantidas para ajuste com as variáveis do nível subsequente àquelas que tiveram valor  $p < 0,2$ <sup>38</sup>. Em todos os testes estatísticos foi utilizado como nível de significância estatístico valor  $p < 0,05$  para teste bicaudal.

Todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. O projeto geral do consórcio de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa na Área da Saúde (CEPAS)/FURG.

## Resultados

Participaram da pesquisa 1423 estudantes de cursos de graduação (81,9% do total de elegíveis). Para as análises deste estudo foram excluídos 186 indivíduos que não tiveram relação no último



**Figura 1.** Modelo hierárquico de análise para investigação do uso de preservativos na última relação sexual entre universitários de cursos de graduação. Rio Grande, RS, 2015.

ano, totalizando 1237 universitários. Destes, 22 (1,8%) não tinham informação para a variável desfecho, sendo analisados 1215 indivíduos.

A amostra foi constituída em sua maior parte por jovens entre 20 e 29 anos de idade (65,6%) que moravam com a família (67,3%), sendo 50,2% do sexo feminino (Tabela 1). A mediana de renda familiar foi de R\$ 3.000,00 reais (Intervalo Interquartilico de R\$ 1.600,00–R\$ 6.000,00). A maior parte dos universitários teve a primeira relação sexual antes dos 18 anos de idade (69,3%), sendo que 14,9% da amostra total iniciou a vida sexual com idade igual ou inferior a 14 anos. A média de idade da primeira relação sexual foi de 16,5 (DP = 2,3) anos.

A prevalência de uso de preservativo na última relação sexual foi de 41,5% (IC95%: 38,7 - 44,3). Entre os grupos com menor prevalência estão os graduandos que não usaram preservativo na primeira relação sexual: 27,5%; e aqueles que iniciaram a vida sexual com idade igual ou inferior a 14 anos: 29,3% (Tabela 2). Universitários casados ou com companheiro compuseram pouco mais de um quarto da amostra, sendo o grupo com menor ocorrência de uso de preservativo na última relação sexual: 19,1%. Por outro lado, maior prevalência de uso de preservativo na última relação ocorreu entre os estudantes que tiveram parceiro casual na última relação (72,9%) e naqueles que não tiveram relações no último mês (o uso do preservativo foi de 72,1%), ou nos que tiveram 2 ou mais parceiros no último mês (66,7%).

Na análise bruta, os seguintes fatores aumentaram a probabilidade de uso de preservativo na última relação sexual: ser do sexo masculino (RP:1,37; IC95%: 1,20-1,58), não ter companheiro quando a pesquisa foi realizada (RP:3,36; IC95%: 2,66-4,25), morar com amigos, em pensionato ou casa do estudante (RP: 1,35; IC95%: 1,17-1,58) em comparação aos que moravam com a família, ter usado preservativo na primeira relação (RP: 1,69; IC95%: 1,40-2,05) e ter parceiro casual na última relação (RP: 2,30; IC95%: 2,05-2,59). Entre os graduandos que demonstraram menor uso de preservativos estão aqueles que tiveram um parceiro sexual no último mês (RP: 0,46; IC95%: 0,40-0,52), em comparação aos que não tiveram parceiros no último mês (Tabela 2).

Na análise ajustada da Tabela 2, permaneceram associadas ao desfecho do uso de preservativo na última relação sexual as variáveis: sexo, situação de relacionamento, uso de preservativo na primeira relação, tipo de parceiro na última

**Tabela 1.** Descrição da amostra de 1215 universitários que tiveram relações sexuais pelo menos uma vez nos 12 meses anteriores à coleta de dados. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande/RS. 2015.

Variável	N*	% †
Sexo (N = 1197)		
Feminino	601	50,2
Masculino	596	49,8
Faixa etária (anos) (N = 1121)		
18-19	149	13,3
20-24	543	48,4
25-29	193	17,2
≥ 30	236	21,1
Renda familiar (N = 1132)		
1º quartil	266	23,5
2º quartil	308	27,2
3º quartil	263	23,2
4º quartil	295	26,1
Situação de relacionamento atual (N = 1207)		
Sem companheiro	434	36,0
Namorando	449	37,2
Casado ou tem companheiro/ “Vive junto”	324	26,8
Com quem mora (N = 1207)		
Sozinho	149	12,3
Família	812	67,3
Amigos, pensionato ou casa do estudante	246	20,4
Idade na primeira relação sexual (anos) (N = 1212)		
≤ 14	181	14,9
15 a 17	659	54,4
≥ 18	372	30,7
Uso de preservativo na primeira relação sexual (N = 1211)		
Não	320	26,4
Sim	891	73,6
Nº de parceiros sexuais no último mês (N = 1204)		
Nenhum	172	14,3
Um	942	78,2
Dois ou mais	90	7,5
Tipo de parceiro na última relação sexual (N = 1211)		
Parceiro fixo	920	76,0
Parceiro casual	291	24,0
Uso de preservativo na última relação sexual (N = 1215)		
Não	711	58,5
Sim	504	41,5

\* O N total da amostra é 1215, porém, em função dos valores ignorados para cada variável de exposição, a soma total das categorias pode resultar em um valor inferior ao tamanho da amostra. † Percentual calculado com base no número de respondentes.

relação e número de parceiros no último mês. Tanto na análise bruta quanto na ajustada houve tendência a diminuição do uso de preservativo conforme o aumento da faixa etária (associação inversa) e quanto menor a idade de início da vida sexual (associação direta), ambos com valor p de

tendência linear  $< 0,001$ . Renda familiar, teve associação inversa limítrofe na análise bruta e na ajustada, com valor  $p = 0,057$  e  $p = 0,058$ , respectivamente. A variável “com quem mora” perdeu associação após o ajuste ( $p = 0,786$ ) (Tabela 2).

**Tabela 2.** Prevalência (P) do uso de preservativo na última relação sexual em universitários que tiveram relações sexuais nos últimos 12 meses, conforme as variáveis analisadas (N = 1215). Rio Grande/RS. Ano de 2015.

Variável	P	Análise Bruta		Análise Ajustada		
		RP	IC95%	Valor p	RP	IC95%
Sexo				$< 0,001$		$< 0,001$
Feminino	34,9	1,00			1,00	
Masculino	47,9	1,37	1,20-1,58		1,42	1,23-1,65
Idade (anos)				$< 0,001^*$		$< 0,001^*$
18-19	48,9	1,58	1,23-2,04		1,65	1,27-2,14
20-24	47,2	1,52	1,24-1,88		1,55	1,24-1,93
25-29	32,1	1,04	0,78-1,37		1,01	0,75-1,36
$\geq 30$	30,9	1,00			1,00	
Renda familiar				0,057*		0,058*
1º quartil	45,9	1,21	0,99-1,47		1,22	1,00-1,49
2º quartil	41,6	1,10	0,90-1,33		1,13	0,93-1,38
3º quartil	39,9	1,05	0,85-1,30		1,10	0,89-1,35
4º quartil	38,0	1,00			1,00	
Situação de relacionamento atual				$< 0,001$		$< 0,001$
Sem companheiro	64,3	3,36	2,66-4,25		3,22	2,43-4,25
Namorando	35,6	1,86	1,44-2,41		1,98	1,47-2,67
Casado ou tem companheiro/ “Vive junto”	19,1	1,00			1,00	
Com quem mora				$< 0,001$		0,120
Sozinho	45,6	1,21	0,99-1,47		0,84	0,68-1,04
Família	37,8	1,00			1,00	
Amigos, pensionato ou casa do estudante	55,2	1,35	1,17-1,58		0,88	0,75-1,03
Idade na primeira relação sexual (anos)				$< 0,001^*$		$< 0,001^*$
$\leq 14$	29,3	1,00			1,00	
15 a 17	42,0	1,44	1,13-1,83		1,34	1,06-1,70
$\geq 18$	46,5	1,59	1,24-2,04		1,63	1,27-2,08
Uso de preservativo na primeira relação sexual				$< 0,001$		$< 0,001$
Não	27,5	1,00			1,00	
Sim	46,6	1,69	1,40-2,05		1,42	1,17-1,71
Nº de parceiros sexuais no último mês				$< 0,001$		0,009
Nenhum	72,1	1,00			1,00	
Um	33,2	0,46	0,40-0,52		0,78	0,66-0,92
Dois ou mais	66,7	0,92	0,78-1,10		1,00	0,82-1,22
Tipo de parceiro sexual na última relação				$< 0,001$		0,004
Parceiro fixo	31,6	1,00			1,00	
Parceiro casual	72,9	2,30	2,05-2,59		1,38	1,11-1,71

\* Valor p do Teste de Wald para tendência linear. RP: Razão de prevalência. IC95%: Intervalo de confiança de 95%.

## Discussão

Ainda não há consenso sobre a melhor forma de medir o uso de preservativos<sup>39</sup>, sendo utilizadas diferentes medidas, cada uma delas apresentando vantagens e desvantagens. No entanto, um dos indicadores utilizados em relatórios globais para medir a prevalência do uso de preservativos é o uso de preservativos na última relação sexual<sup>24</sup>.

A prevalência de 41,5% (34,9% sexo feminino e 47,9% sexo masculino) do uso de preservativo na última relação sexual identificada foi baixa, quando comparada a estudos com jovens da população geral e pesquisas com universitários. Pesquisa conduzida entre jovens brasileiros de 15 a 24 anos da população geral de ambos os sexos encontrou ocorrência de uso de preservativo na última relação de 60%<sup>18</sup>. Entre jovens de três capitais brasileiras, de 18 a 24 anos, o uso de preservativo na última relação foi de 38,8% para o sexo feminino e 56,0% para o sexo masculino<sup>21</sup>. Para universitários do sul do Brasil, foi encontrada prevalência de 61,4%, superior à encontrada no presente estudo<sup>16</sup>. Em países como China, Canadá e Estados Unidos, a prevalência de uso de preservativo na última relação sexual entre universitários foi de 44,2%, 47,2% e 63,8%, respectivamente, variando o período de recordatório e tipo de prática sexual pesquisados<sup>9,14,40</sup>.

Tendo em vista a alta escolaridade e os diferenciais da população de universitários, chama a atenção o fato de a prevalência encontrada ter sido baixa. Diversas questões, além do conhecimento sobre HIV/Aids e outras DST's e da percepção de risco, podem estar implicadas na adoção ou não desse comportamento protetivo entre universitários. Conforme mencionado, universitários vivenciam uma série de novas experiências tanto relacionadas ao próprio desenvolvimento quanto ao contexto em que estão inseridos. É importante que estratégias preventivas voltadas para esta população contemplem a diversificação presente no contexto universitário. A disponibilidade de preservativos masculinos e femininos, além de informações sobre a forma correta de utilizá-los, também aparecem como estratégias interessantes. No contexto da universidade se produz e multiplica uma série de conhecimentos relevantes que podem contribuir para o emprego de ações que resultem em melhorias para a saúde da população.

Associação entre sexo e uso de preservativos tem sido demonstrada em diversos estudos, com menor proporção de relações sexuais protegidas entre o sexo feminino<sup>13,14,18,21</sup>. Fatores biológicos

e sociais podem deixar as mulheres mais vulneráveis ao HIV/Aids e outras DST's em comparação aos homens<sup>41,42</sup>. É preocupante que mulheres ainda hoje continuem tendo dificuldades de assumir postura assertiva em decisões sobre saúde sexual e reprodutiva, como o uso de preservativos. Esforços para promover mudanças nesse sentido vêm sendo realizados, o que passa pelo empoderamento para tomada de decisão e luta pela igualdade de gênero<sup>42</sup>, tendo em vista que há uma série de barreiras a serem enfrentadas. Por outro lado, a prevalência de uso de preservativos na última relação sexual entre homens também foi baixa. É importante que tanto homens quanto mulheres saibam utilizar estratégias de negociação adequadas, que aumentem a probabilidade de uso do preservativo<sup>43</sup>.

Diferentes relações estabelecidas podem influenciar a adoção do uso de preservativos. Universitários envolvidos em relações de namoro, casamento ou coabitação constituíram a maior parte da amostra, o que difere de estudo em que predominaram universitários não envolvidos nessas relações<sup>25</sup>. É possível que a diferença de proporção de uso de preservativos entre universitários que namoram e aqueles casados ou com companheiro, ocorra em função das peculiaridades existentes nessas relações, inclusive no que tange à negociação para a adoção de comportamentos protetivos. A inclusão da categoria namoro se mostrou importante no contexto universitário ao apontar tais diferenças em um recorte amplo dessa população.

Conforme os relacionamentos se tornam mais estáveis, há indivíduos que substituem o preservativo por outros métodos contraceptivos, como a pílula anticoncepcional<sup>25,44</sup>. Contraceptivos hormonais aparecem como o segundo método contraceptivo mais utilizado entre graduandos de universidades do Brasil, sendo que o preservativo é o primeiro<sup>26,45-47</sup>. Com parceiros considerados estáveis, por vezes, o foco passa a ser a prevenção da gravidez<sup>46</sup>. Essa troca acaba deixando os indivíduos mais vulneráveis ao HIV e outras DST's, do que aqueles que continuam adotando esse método. Por outro lado, graduandos sem companheiro apresentaram maior probabilidade de utilizar preservativo na última relação sexual em comparação aos com companheiro, o que também foi visto em outras pesquisas com universitários<sup>14,16,40</sup>.

Ter relação sexual monogâmica com parceiro não-infectado aparece como efetivo para proteção contra doenças de transmissão sexual, porém há a possibilidade de universitários estarem

infectados e não saber disso, o que poderá acarretar na transmissão para o parceiro<sup>48</sup>. Além do mais, há a possibilidade de ocorrência de relações sexuais extraconjugais sem o uso de preservativo<sup>49</sup>. Atualmente intervenções combinadas têm se mostrado efetivas e pesquisas apontam novas formas de prevenção que podem ser utilizados por casais sorodiscordantes<sup>29</sup>. Contudo, o preservativo é um método de baixo custo e que tem fundamental importância na luta contra HIV/Aids e outras DST's, além de ter se mostrado o método contraceptivo preferido entre universitários nos estudos já citados<sup>26,45-47</sup>.

A tendência a quanto maior a idade dos universitários menor o uso de preservativo na última relação sexual também foi identificada em dois estudos recentes com universitários, um conduzido na Etiópia e o outro no Canadá<sup>8,14</sup>. É possível que o fato de pessoas com 30 anos ou mais apresentarem menor proporção de uso de preservativo, se comparado aos mais jovens, seja explicado em parte pela preferência de uso de outros métodos contraceptivos ou até mesmo por estarem envolvidas em relacionamentos estáveis tendo a crença de que o preservativo não seria importante, conforme já discutido. Por vezes, estudos com universitários negligenciam a investigação do uso de preservativos em universitários em idade adulta média ou tardia. Isso cria uma lacuna no que tange ao conhecimento e direcionamento das ações para esse grupo. Muitas vezes as ações preventivas são direcionadas apenas para o início da vida sexual, em especial para adolescentes e jovens. No entanto, parece necessário que essas ações sejam realizadas de forma contínua e abrangente. Ao planejar uma intervenção no contexto universitário seria importante adotar abordagens que contemplem as diferentes faixas etárias e etapas do desenvolvimento.

Graduandos que iniciaram a vida sexual mais cedo tiveram maior probabilidade de não usar preservativo na última relação. O início da vida sexual aparece como um marco importante para o desenvolvimento humano<sup>46</sup>. É necessário que as características desenvolvimentais sejam respeitadas para que os indivíduos possam fazer escolhas que contribuam para a saúde sexual e reprodutiva. Iniciação sexual sem cuidado pode ter ocorrido em função da pouca idade e, como foi mostrado, a maior parte dos universitários teve a primeira relação sexual antes dos 18 anos de idade (69,3%), sendo que 14,9% da amostra total iniciou a vida sexual com idade igual ou inferior a 14 anos. Além disso, a primeira relação com frequência acontece com pessoas conheci-

das (em relações de namoro, por exemplo)<sup>21</sup>, fato que pode aumentar o risco e diminuir a proteção. Como o delineamento deste estudo foi transversal, podemos apenas apontar a existência dessa associação, mas não definir causalidade, pois há critérios específicos para isso<sup>50</sup>. O uso de preservativo desde a primeira relação sexual também é fundamental, pois, de acordo com o que nossos dados mostraram, houve associação estatisticamente significativa entre uso na primeira e na última relação.

O uso de preservativo na primeira e na última relação sexual tem se mostrado associados em diferentes estudos, sendo relacionado a hábitos sexuais saudáveis<sup>20,21</sup> e ao estabelecimento de padrão de uso de preservativos<sup>51</sup>. Embora o delineamento e o instrumento utilizados não permitam generalizações longitudinais, é possível que a continuidade no uso de preservativo seja explicada em parte pelas consequências positivas que isso possa trazer. A adoção de comportamentos pode ser moldada pelas experiências que ocorrem ao longo da vida. Se um indivíduo adotou determinado comportamento e o mesmo foi de alguma forma reforçado é provável que se mantenha<sup>52</sup>. Entender o que faz com que o uso de preservativos se mantenha ou seja extinto traria ganhos para as práticas em saúde. Por outro lado, é também necessário prestar atenção às pessoas que não utilizaram preservativo na primeira relação sexual e seguem adotando esse comportamento. Isso implica na investigação dos determinantes do não uso a fim de atuar no fortalecimento das ações preventivas. Relações com pessoa considerada confiável e não falar sobre contracepção antes da primeira relação sexual<sup>21</sup> podem contribuir nessa questão.

A prevalência de uso de preservativo na primeira relação sexual (73,6%) foi alta em comparação à observada entre indivíduos de áreas urbanas do Brasil, entre 16 e 19 anos de idade, cuja ocorrência foi de 47,8% em 1998 e 65,6% em 2005<sup>53</sup>. Por outro lado, foi próxima aos 71,4% encontrados em outro estudo com universitários<sup>16</sup>. O fato de a proporção de uso de preservativo na primeira relação sexual ter sido quase o dobro da identificada na última relação sexual pode ser explicado em parte por questões já discutidas, como o estabelecimento de relacionamentos mais estáveis, cujo foco passe a ser a prevenção de gravidez e não mais as DST's e HIV/Aids, e a preferência por outros métodos contraceptivos. Muitas campanhas sobre uso de preservativos focam nas relações casuais e talvez não atinjam o grupo com relacionamento estável. A presen-



ça do preservativo nessas relações pode ter uma representação social negativa, representando até mesmo a possibilidade de relações extraconjugais. Embora este estudo não tenha investigado a diferença de idade entre os parceiros, é possível que essa variável contribua para explicar a diferença de proporção, em especial para as variáveis idade e sexo. É presumível que indivíduos cujo parceiro não possua o hábito de utilizar preservativos encontrem dificuldades de negociação.

Quanto ao número de parceiros sexuais no último mês, chama atenção que dos universitários que tiveram um parceiro sexual (78,2% da amostra), apenas 33,2% utilizaram preservativo na última relação sexual. Considerando que 64% dos universitários disseram ter companheiro, percentual inferior aos que responderam ter tido um parceiro sexual no último mês, é possível que alguns universitários tenham se relacionado sem o uso de preservativos independente do *status* de relacionamento. Somado a isso, dos que tiveram dois ou mais parceiros, 33,3% não utilizaram preservativo na última relação sexual, estando vulneráveis aos desfechos já citados.

Importante considerar como limitação deste estudo o viés de recordatório. Para minimizá-lo levamos para a análise apenas pessoas que tiveram pelo menos uma relação sexual nos 12 meses anteriores à participação na pesquisa. Outros períodos de recordatório, como 1, 3 e 6 meses, também têm sido utilizados na literatura, e ainda não há consenso sobre a melhor forma de medir o uso de preservativos<sup>29,39</sup>.

O desfecho medido indica a prevalência do uso de preservativo na última relação sexual e sua variação entre os grupos de determinadas variáveis. Porém, é importante deixar claro que o mesmo não mede a continuidade, nem a frequência do uso de preservativos, devendo os resultados serem interpretados com cautela. Para isso precisaríamos de outras medidas, às quais não foram o objetivo do estudo. Possivelmente ao estudar o uso consistente a prevalência seria menor. Logo, ao medirmos apenas o uso de preservativo na última relação sexual, a prevalência de uso pode estar sendo superestimada, podendo a diferença encontrada ser menor do que a diferença real ou até mesmo não ser identificada uma diferença que exista.

Outra limitação a ser citada é a taxa de perdas do consórcio (270 universitários, equivalente a 15,6% do total de elegíveis), pois os não-respondentes podem distinguir de alguma forma dos participantes<sup>50</sup>. O índice de perdas foi menor do que o de um estudo conduzido com universitá-

rios de capitais do Brasil<sup>54</sup>. O percentual de questões deixadas em branco, em especial para as variáveis idade (7,7%) e renda (6,8%) também merece ser apontado. Essa pode ser uma limitação da forma de aplicação utilizada, a qual também trouxe vantagens que serão mencionadas em seguida. Caso não tivessem ocorrido essas perdas o poder estatístico seria maior, o estudo ganharia em precisão, e possivelmente modificaria a medida de efeito, além disso, as estimativas de uso poderiam ser diferentes, seja maior ou menor.

O período de recordatório para o número de parceiros sexuais foi curto, permitindo noção geral dos participantes que costumam se relacionar com múltiplos parceiros. Por se tratar de um tema que por vezes é considerado tabu, é possível que graduandos tenham dado respostas socialmente esperadas. Isso pode ter superestimado a prevalência de uso de preservativos. Porém, o fato de utilizarmos como instrumento um questionário autoaplicável e, após o preenchimento, o mesmo ser depositado em uma urna devidamente lacrada pode ter contribuído para minimizar a interferência dessa questão. Os dados encontrados neste estudo não podem ser extrapolados para todo o país, mas é possível que se apliquem a universidades federais gaúchas.

Proporcionamos um panorama atual sobre o uso de preservativos na última relação sexual na universidade estudada e detalhamento teórico acerca dos fatores associados ao mesmo. A pesquisa contribuiu para a identificação de grupos mais expostos e menos expostos ao uso. É possível que promover o uso de preservativos entre universitários passe pela disponibilidade do preservativo, empoderamento dos indivíduos para a tomada de decisão sobre a própria saúde sexual e reprodutiva, educação sexual contínua e abrangente, prezando por relações sexuais protegidas, além de ação contra o mito da invulnerabilidade ao HIV e outras DST's entre universitários de diferentes faixas etárias. Sobre o processo de tomada de decisão em relação ao uso de preservativos, mostramos que o tipo de relação que os universitários estabelecem com os parceiros pode influenciar na adoção ou não desse comportamento protetivo. Somado a isso, investigamos diferentes faixas etárias, entre outros fatores que podem contribuir para a ampliação do foco dos estudos e intervenções nesse contexto.

Por fim, foi demonstrado que universitários do sexo masculino, com maior idade de início da vida sexual, que usaram preservativo na primeira relação sexual, indivíduos mais jovens, sem companheiro e com parceiro casual na última relação

sexual apresentaram proporção significativamente maior de uso de preservativos na última relação sexual. Quatro em cada dez universitários utilizaram preservativo na última relação sexual. Conhecer os fatores associados ao uso de preservativos é importante para traçar ações e programas que monitorem o uso de preservativos e ajudem a adoção de comportamentos protetivos.

### **Colaboradores**

LR Moreira participou da concepção e projeto, coleta dos dados, análise e interpretação dos resultados e redação do artigo. SC Dumith participou da coordenação do consórcio de pesquisa, análise dos dados e revisão crítica relevante do artigo. SS Paludo colaborou na orientação e revisão crítica relevante de todas as etapas, desde a concepção até a elaboração do artigo.

### **Agradecimentos**

A primeira autora agradece à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), da qual foi bolsista durante o mestrado. SC Dumith é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ.

## Referências

- World Health Organization (WHO). *Report on global sexually transmitted infection surveillance 2013*. Geneva: WHO; 2014.
- Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS). *The gap report 2014*.
- World Health Organization (WHO). *Sexual and reproductive health beyond 2014: equality, quality of care and accountability: position paper*. Geneva: WHO; 2014.
- Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Política brasileira de enfrentamento da Aids: Resultados, avanços e perspectivas*. Brasília: MS; 2012.
- Malik K. *Human development report 2014. Sustaining human progress: Reducing vulnerabilities and building resilience*. New York: United Nations Development Programme; 2014.
- Chen B, Lu YN, Wang HX, Ma QL, Zhao XM, Guo JH, Hu K, Wang YX, Huang YR, Chen P. Sexual and reproductive health service needs of university/college students: updates from a survey in Shanghai, China. *Asian J Androl* 2008; 10(4):607-615.
- Bezerra EO, Chaves ACP, Pereira MLD, Melo FRG. Análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/Aids. *Rev Rene* 2013; 13(5):1021-1031.
- Shiferaw Y, Alemu A, Assefa A, Tesfaye B, Gibermedhin E, Amare M. Perception of risk of HIV and sexual risk behaviors among University students: implication for planning interventions. *BMC Res Notes* 2014; 7:162.
- Ma Q, Ono-Kihara M, Cong L, Xu G, Pan X, Zamani S, Ravari SM, Kihara M. Behavioral and psychosocial predictors of condom use among university students in Eastern China. *AIDS Care* 2009; 21(2):249-259.
- Chinazzo ÍR, Câmara SG, Frantz DG. Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. *Psico USF* 2014; 19(1):1-12.
- World Health Organization (WHO), Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. *Global AIDS response progress reporting 2015*. Geneva: WHO; 2015.
- Pirotta KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Rev Saude Publica* 2004; 38(4):495-502.
- Alves AS, Lopes M. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários. *Rev Bras Enferm* 2008; 61(2):170-177.
- Kalckmann S, Farias N, Carvalheiro JR. Avaliação da continuidade de uso do preservativo feminino em usuárias do Sistema Único de Saúde em unidades da região metropolitana de São Paulo, Brasil. *Rev Bras Epidemiol* 2009; 12(2):132-143.
- ascueiro L. Breve contextualização ao tema da democratização do acesso ao ensino superior. A presença de novos públicos em contexto universitário. *ESC* 2009; 28(2):31-52.
- Dourado I, MacCarthy S, Reddy M, Calazans G, Gruskin S. Revisitando o uso do preservativo no Brasil. *Rev Bras Epidemiol* 2015; 18(Supl. 1):63-88.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.
- Silva NN. *Amostragem probabilística: um curso introdutório*. 2ª ed. São Paulo: EdUSP; 2001.
- Younge SN, Salazar LF, Crosby RF, DiClemente RJ, Wingood GM, Rose E. Condom use at last sex as a proxy for other measures of condom use: is it good enough? *Adolescence* 2008; 43(172):927.
- Holmes KK, Levine R, Weaver M. Effectiveness of condoms in preventing sexually transmitted infections. *Bull World Health Organ* 2004; 82(6):454-461.
- Mantell JE, Smit JA, Exner TM, Mabude Z, Hoffman S, Beksinska M, Kelvin EA, Ngoloyi C, Leu CS, Stein ZA. Promoting Female Condom Use Among Female University Students in KwaZulu-Natal, South Africa: Results of a Randomized Behavioral Trial. *AIDS Behav* 2015; 19(7):1129-1140.
- Calazans G, Araujo TW, Venturi G, Ivan França J. Factors associated with condom use among youth aged 15-24 years in Brazil in 2003. *AIDS* 2005; 19(Supl. 4):S42-S50.
- Hugo TDO, Maier VT, Jansen K, Rodrigues CEG, Cruzeiro ALS, Ores LC, Pinheiro RT, Silva R, Souza LDM. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. *Cad Saude Publica* 2011; 27(11):2207-2214.
- Shafii T, Stovel K, Holmes K. Association between condom use at sexual debut and subsequent sexual trajectories: a longitudinal study using biomarkers. *Am J Public Health* 2007; 97(6):1090.
- Teixeira A, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cad Saude Publica* 2006; 22(7):1385-1396.
- Ma Q, Ono-Kihara M, Cong L, Pan X, Xu G, Zamani S, Ravari SM, Kihara M. Behavioral and psychosocial predictors of condom use among university students in Eastern China. *AIDS Care* 2009; 21(2):249-259.
- Chinazzo ÍR, Câmara SG, Frantz DG. Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. *Psico USF* 2014; 19(1):1-12.
- World Health Organization (WHO), Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. *Global AIDS response progress reporting 2015*. Geneva: WHO; 2015.
- Pirotta KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Rev Saude Publica* 2004; 38(4):495-502.
- Alves AS, Lopes M. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários. *Rev Bras Enferm* 2008; 61(2):170-177.
- Kalckmann S, Farias N, Carvalheiro JR. Avaliação da continuidade de uso do preservativo feminino em usuárias do Sistema Único de Saúde em unidades da região metropolitana de São Paulo, Brasil. *Rev Bras Epidemiol* 2009; 12(2):132-143.
- ascueiro L. Breve contextualização ao tema da democratização do acesso ao ensino superior. A presença de novos públicos em contexto universitário. *ESC* 2009; 28(2):31-52.
- Dourado I, MacCarthy S, Reddy M, Calazans G, Gruskin S. Revisitando o uso do preservativo no Brasil. *Rev Bras Epidemiol* 2015; 18(Supl. 1):63-88.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.
- Silva NN. *Amostragem probabilística: um curso introdutório*. 2ª ed. São Paulo: EdUSP; 2001.
- Younge SN, Salazar LF, Crosby RF, DiClemente RJ, Wingood GM, Rose E. Condom use at last sex as a proxy for other measures of condom use: is it good enough? *Adolescence* 2008; 43(172):927.
- Holmes KK, Levine R, Weaver M. Effectiveness of condoms in preventing sexually transmitted infections. *Bull World Health Organ* 2004; 82(6):454-461.
- Mantell JE, Smit JA, Exner TM, Mabude Z, Hoffman S, Beksinska M, Kelvin EA, Ngoloyi C, Leu CS, Stein ZA. Promoting Female Condom Use Among Female University Students in KwaZulu-Natal, South Africa: Results of a Randomized Behavioral Trial. *AIDS Behav* 2015; 19(7):1129-1140.

35. Dell'Aglio D, Koller S, Cerqueira-Santos E, Colaço V. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: uma nova proposta. In: Dell'Aglio D, Koller S, organizadores. *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011. p. 259-270.
36. Neiva-Silva L. *Estudo comportamental com crianças e adolescentes em situação de rua em Porto Alegre e Rio Grande: uso da técnica de Respondent Driven Sampling (RDS) para identificação de comportamentos sexuais de risco e uso de drogas* [relatório]. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
37. Stata Statistical Software: Release 13 [computer program]. College Station: StataCorp LP; 2013.
38. Maldonado G, Greenland S. Simulation study of confounder-selection strategies. *Am J Epidemiol* 1993; 138(11):923-936.
39. Noar SM, Cole C, Carlyle K. Condom use measurement in 56 studies of sexual risk behavior: review and recommendations. *Arch Sex Behav* 2006; 35(3):327-345.
40. El Bcheraoui C, Sutton MY, Hardnett FP, Jones SB. Patterns of condom use among students at historically Black colleges and universities: Implications for HIV prevention efforts among college-age young adults. *AIDS care* 2013; 25(2):186-193.
41. Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. *Report on the global AIDS epidemic*. New York: US UN-AIDS; 2008.
42. World Health Organization (WHO). *Gender mainstreaming for health managers: a practical approach*. Geneva: WHO; 2011.
43. Tschann JM, Flores E, De Groat CL, Deardorff J, Wibbelsman CJ. Condom negotiation strategies and actual condom use among Latino youth. *J Adolesc Health* 2010; 47(3):254-262.
44. Rabelo STO, Falcão Júnior SP, Freitas LV, Lopes EM, Pinheiro AKB, Aquino PS, Ximenes LB. Gravidez e DST: Práticas preventivas entre universitários. *J Bras DST* 2006; 18(2):148-155.
45. Silva FC, Vitale MSS, Maranhão HS, Canuto MHA, Pires MMS, Fisberg M. Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. *Cad Saude Publica* 2010; 26(9):1821-1831.
46. Delatorre MZ, Dias ACG. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. *Rev da SPAGESP* 2015; 16(1):60-73.
47. Borges ALV, Fujimori E, Hoga LAK, Contin MV. Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência. *Cad Saude Publica* 2010; 26(4):816-826.
48. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). *Condoms and STDs: Fact sheet for public health personnel*. Atlanta: CDC; 2010.
49. Maia C, Guilhem D, Freitas D. Vulnerabilidade ao HIV/Aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. *Rev Saude Publica* 2008; 42(2):242-248.
50. Gordis L. *Epidemiology*. 5<sup>th</sup> ed. Amsterdam: Elsevier Saunders; 2014.
51. Shafii T, Stovel K, Davis R, Holmes K. Is condom use habit forming?: Condom use at sexual debut and subsequent condom use. *Sex Transm Dis* 2004; 31(6):366-372.
52. Moreira MB, Medeiros CA. *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed; 2009.
53. Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Rev Saude Publica* 2008; 42(Supl. 1):45-53.
54. Andrade AG, Duarte P, Oliveira LG. *I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras*. Brasília: SENAD; 2010.

Artigo apresentado em 11/03/2016

Aprovado em 04/07/2016

Versão final apresentada em 06/07/2016